

Porque na vida a gente chega todos os dias

Texto escrito a partir da cena curta *Saideira*, apresentada na programação do FETO na FUNARTE-MG em 21 de outubro de 2022.

- Por Clóvis Domingos –

Saideira, cena curta apresentada por Dara Ayê Santos e Nanauê, com direção de Amora Tito, é aquela boa surpresa que salva a nossa noite teatral numa sexta-feira. É uma espécie de relâmpago, um choque poético, uma obra-corpo do Hélio Oiticica, uma *fagulha de vida* acontecendo numa mesa de bar com toda sua complexidade invisível, mas que no espaço cênico ganha contornos sonoros e imagéticos, ativa nossa percepção mais fina, nos diverte e provoca, nos vira do avesso, nos assusta através do óbvio, faz pensar (sem pesar) e celebra a nossa viagem cósmica nesse planeta insondável. Estão ali os melhores ingredientes para essa *aventura cênico-filosófica-existencial*: o fantástico, o cômico, o minimalismo, o absurdo, a imaginação, o miraculoso, o psicodélico e a epifania.

Saideira provoca e convoca a gente a viver no registro do intenso,

Do imenso

na partícula,

Nos conecta ao Todo.

Nos convida a ver um outro lado da morte e também da vida. Porque uma faz parte da outra. O mundo é uma colcha de fios emaranhados, mas ensinam prá gente a viver separado,

Iso-

(Lan)

do partes, com medo de integrar, adiando (odiando) as poucas horas da jornada aqui na terra, buscando um céu que já está aqui sob nossos pés.

Como o personagem do Nanauê, a gente fica buscando explicações metafísicas para tudo e perde a melhor parte que é não entender, mas já estar... A personagem da Dara com sua expressão de enfado e impaciência diante do Nanauê “gastando saliva” é o melhor retrato de nossa condição e ilusão humana.

A gente corre atrás daquilo que não existe.

A gente não passa de colecionadores de decepção, que até na hora da morte ainda quer encontrar sentido. SEM TIDO VIVER.

A gente é meio que educado para ler o mundo por dualidades e oposições, quando tudo é uma coisa só. Só e muito bem acompanhada. E que boa companhia estamos ali com esses artistas num teatro que também é um boteco e ao mesmo tempo uma “sala de aula” de filosofia da imanência e também uma cozinha espaçosa na qual a gente prepara uma deliciosa sopa com direito à sobremesa de bolo de cenoura com cobertura de chocolate.

Mas a gente insiste em ficar num quartinho mínimo e miserável da existência se intoxicando com *i-food*. *Ai fode!* Fode com uma vida sem sabor, sem tempero, sem cor, sem risco.

Saideira nos mostra que o *Sagrado* está bem aqui presente em nosso cotidiano. Deus sou eu, você e todas, todos, todes nós, e quem mais quiser chegar também tá de boa, porque as fronteiras são mais mentais do que supõe nossa triste subordinação às regras e condicionamentos e que tudo no final (*ou será no início?*) se trata de nossa disponibilidade em não complicar, mas co-implicar nossos átomos, células e energias nessa brincadeira única que a gente joga a partir desses nossos *corpos e copos* regados à cerveja.

Saideira nos lembra que a gente não passa de um cisco, um grão de areia no meio do deserto, mas que com humor, música e poesia esse deserto talvez possa ficar mais suportável e possível.

A gente vai virar adubo!

A gente não passa de uma “bobagem”, mas uma bobagem ÚNICA, com um modo de viver e morrer que são um pouco nossa assinatura particular e que ninguém mais consegue repetir...

Saideira revela nossa busca frenética e inútil por grandes e difíceis respostas, nossos padrões e padrões tristes, velhas prisões, quando tudo está dentro e fora da gente mesmo e a porta sempre esteve aberta e nunca saberemos quando é a saideira (a morte, a cerveja, o beijo, a chuva que cai) *porque na vida a gente chega todos os dias!*

Porque na vida a gente chega todos os dias!

A gente chega todos os dias?

E não precisa de tanta crise, choro, birra,

Reza, novena e amém.

Basta morder, sorver, se render e sentar,

Que lá vem mais uma *saideira* beeeeeeeeeem gelada

Prá salvar a gente dessa vida tão rasa e morna...